

JOVENS E IDOSOS ESCOLHEM AS MESMAS PALAVRAS?

Marcela Moura Torres PAIM¹

Resumo: Nesta pesquisa, apresenta-se um dos aspectos de que se ocupa o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), o Léxico do português brasileiro. Dessa forma, este trabalho investiga como a linguagem de indivíduos apresenta marcas linguísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária em inquéritos do Projeto ALiB a partir da utilização do léxico como fator diageracional dos indivíduos no grupo etário ao qual fazem parte. A metodologia empregada consistiu na realização das seguintes etapas: 1) leitura de textos teóricos referentes ao tema proposto; 2) escolha e formação do *corpus*, constituído de inquéritos das capitais do Projeto ALiB; 3) análise do *corpus* a fim de verificar marcas linguísticas transmissoras da construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária. As análises dos inquéritos selecionados buscam estudar os itens lexicais presentes no repertório linguístico de informantes da faixa I (18-30 anos) e faixa II (50-65 anos) do Questionário Semântico Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil do campo semântico ciclos da vida (menstruação e entrar na menopausa), com o intuito de verificar a seleção lexical realizada por informantes de diferentes faixas etárias das diferentes capitais do país. A análise do *corpus* possibilitou realizar o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística moderna Pluridimensional em que o registro segue os parâmetros diatópicos e diastráticos.

Palavras-chave: Geolinguística; Léxico; Variação.

Abstract: In this research, one of the aspects focused by the Linguistic Atlas Project of Brazil (ALiB Project), the Lexicon of the Brazilian Portuguese, is addressed. Therefore, this paper investigates how individuals language presents specific linguistic marks that construct, maintain and project the age-group identity in the questionnaire of the ALiB Project, based on the use of the lexicon as a generational factor of individuals within their age-group. The methodology used was based on the performance of the following stages: 1) reading of the theoretical texts related to the proposed theme; 2) choice and formation of the *corpus*, made up of inquests of the ALiB Project in different capitals; 3) analysis of the *corpus* in order to verify linguistic marks that transmit the construction, projection and maintenance of the age-group social identity. The term identity is being construed here as "social identity", which, according to Ochs (1993, p.289), is understood as a "term that can encompass a great number of social *personae* that an individual can claim for himself/herself or attribute to others along his/her life time, and because of that it is neither fixed nor categorical. The analysis of the selected inquiries try to study the lexical items present in the semantic field of life cycles (menstruation and go into menopause), with the aim of verifying the lexical selection carried out by the informers from different age-groups in the different capitals of the country. The analysis of the corpus enabled the realization of the register and the documentation of lexical diversity of the Portuguese language spoken in Brazil, according to the principles of the modern Pluridimensional Geolinguistics in which the register follows specific parameters.

Keywords: Geolinguistics; Lexicon; Variation.

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia, Pituaguá-BA. Correio Eletrônico: mmtptaim@ufba.br

Introdução

O campo lexical da língua pode apresentar um papel importante em termos de variação e mudança linguística, assim podemos encontrar nessa esfera uma grande variedade regional e sociocultural do português do Brasil.

Nesta pesquisa, inserida na esfera dos estudos semântico-lexicais realizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), objetiva-se analisar os itens lexicais presentes no repertório linguístico de informantes da faixa I (18-30 anos) e faixa II (50-65 anos) do Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB no campo semântico ciclos da vida (menstruação e entrar na menopausa), com o intuito de verificar a seleção lexical realizada por informantes de diferentes faixas etárias das diferentes capitais do país.

Tal trabalho se justifica pelo fato de o léxico possibilitar a observação da leitura que uma comunidade faz de seu contexto e a preservação de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural da comunidade, além de possibilitar o registro e a documentação da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil. Realizar este trabalho também possibilita contribuir para o objetivo mais amplo do Projeto ALiB: “descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas consideradas na perspectiva da geolinguística” (CARDOSO, 2010, p.169).

O léxico: espaço de interação entre o indivíduo e a sociedade

Conforme Marcuschi (2003), a língua é um fenômeno heterogêneo, variável, indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático e que está situado em contextos concretos, tais como o texto e o discurso. Esse caráter dinâmico encontra um campo para aumentar as fronteiras do domínio do repertório linguístico de muitas sociedades no nível lexical. É justamente nesse nível de análise da língua que pode haver a construção, a projeção e a manutenção da maneira como os falantes concebem o mundo no qual vivem bem como a sua interação com todas as esferas da sociedade, adequando-se aos mais variados contextos das situações comunicativas.

O conhecimento consciente de uma língua (por quem dela queira ser mais do que utilizador) implica o reconhecimento dessa dinâmica diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização. De fato, as variantes normativas são, como as não normativas, eventualmente passageiras, mudando ao longo do tempo o modo como os falantes encaram os mesmos fatos linguísticos.

A primeira questão que se coloca ao estudar as variedades linguísticas é a de fixar o próprio conceito de variedade. Para Hudson (1981), uma variedade linguística é uma manifestação de um fenômeno chamado linguagem que se define como um conjunto de elementos linguísticos de similar distribuição social. Dentro dessa definição, ficam incluídas as línguas de um falante ou de uma comunidade de fala, os dialetos e qualquer outra manifestação linguística na qual se possa observar um determinado uso ou valor social. Segundo o referido autor, as variedades linguísticas, assim definidas, revelam problemas consideráveis na hora de distinguir variedades da mesma classe (uma língua de outra, um dialeto de outro) e para a delimitação de diferentes tipos de variedades (língua de dialeto).

Diferentemente de Hudson (1981), Ferguson (1971) propôs uma definição de variedade mais específica. Para este, uma variedade é um conjunto de padrões linguísticos o suficientemente homogêneo para ser analisado mediante técnicas linguísticas de descrição sincrônica; tal conjunto estaria formado por um repertório de elementos e poderia operar em todos os contextos de comunicação. Seguindo ao pé da letra essa definição, seriam variedades as línguas, os dialetos, mas talvez não o seriam os estilos, que poderiam interpretar-se, em todo caso, como manifestação de uma determinada variedade.

Sobre o conceito de variedade, Moreno Fernández (1998) comenta que muitos estudiosos trabalham com definições amplas e outros com definições mais restritas, mas que ele prefere visualizar as variedades como conjunto de elementos ou de padrões linguísticos associados a fatores externos, sejam contextos situacionais, sejam profissionais, sociais ou geográficos.

Nesse sentido, ao identificar um fenômeno de variação, as perguntas que surgem de modo imediato, em qualquer nível linguístico,

são: por quê? Como se originou? E as respostas requerem auxílio de disciplinas como a Dialetoлогия ou a Sociolinguística porque é habitual que haja fatores extralinguísticos implicados na variação: fatores como a geografia (variação geográfica), a história (variação histórica) ou a situação comunicativa, em seu sentido mais amplo (variação estilística). Todos esses fatores podem ser responsáveis ou explicar muitos casos de variação.

Diante desse quadro, é possível chegar à seguinte pergunta: o que é que se busca ao estudar a variação léxica? Primeiramente, pode-se dizer, como apresenta Velasco (2003), que o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico se configura como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, as transformações sócioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Sobre essa questão, Moreno Fernández (1998) expõe o fato de que a variação lexical objetiva explicar o uso alternante de umas formas léxicas em umas condições linguísticas e extralinguísticas determinadas: podem ser unidades de diferentes origens geolinguísticas que estiveram presentes em uma comunidade, de estilo mais ou menos formal, entre outras possibilidades. Ao mesmo tempo, busca-se identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais: léxico de faixa etária, de profissão etc.

Como mostra o referido autor, é possível visualizar as dificuldades existentes na análise da variação lexical no momento de descobrir quais variáveis sociais ou estilísticas explicam o uso de certas variáveis lexicais, além da dificuldade de coletar dados válidos e suficientes do discurso falado e de demonstrar que certas variantes léxicas são realmente variantes de uma mesma variável.

Para descobrir que tipo de léxico caracteriza os grupos sociais que formam uma comunidade, existem vários itinerários metodológicos. Um deles é o estudo de corte etnográfico: mediante a convivência

continuada dentro de um grupo social ou a observação direta dos discursos. Esse procedimento tem um enorme interesse, especialmente se a intenção é fazer uma análise qualitativa, isto é, determinar quais são os itens lexicais que aparecem de forma característica em cada grupo social.

Outra possibilidade metodológica, para o estudo da variação do léxico, é a entrevista, que pode servir para o pesquisador induzir ou provocar amostras da variação léxica em estudo.

Esse tipo de coleta de dados garante o surgimento de certas unidades léxicas em uma quantidade determinada e, portanto, revela-se o mais satisfatório para os estudos quantitativos. Nesse sentido, os possíveis objetos de estudo do léxico são ilimitados: pode-se analisar a preferência de um ou mais grupos de uma comunidade por certas formas léxicas, segundo o tipo do interlocutor, segundo a situação (estilo formal-informal); pode-se analisar a maior ou a menor presença em certos grupos sociais de formas antigas ou modernas, padrão ou não-padrão.

Nesse sentido, considerando a linguagem como atividade social, histórica e cognitiva, admite-se, assim como Marcuschi (2004), que ela seja passível de análise e de observação. Dessa forma, entender é sempre entender no contexto de uma relação com o outro situado numa cultura e num tempo histórico e esta relação sempre se acha marcada por uma ação. Nessa perspectiva, não há uma relação direta entre linguagem e mundo, e sim um trabalho social designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo situadamente.

Sobre essa questão, Biderman (1984) esclarece que o léxico de uma língua engloba o conjunto de signos linguísticos por meio dos quais o homem não só se expressa, se comunica, mas também cria novos conhecimentos e/ou assimila conhecimentos que outros homens criaram, não só na sua civilização, mas também em outras civilizações. Por isso, as categorizações e suas denominações linguísticas com algum item lexical podem ser variadas e nunca devem ser analisadas fora de seus contextos etnográficos, seus cenários, seus personagens e assim por diante. Isso acontece porque o léxico é apenas um sistema indiciário, e o cálculo desses indícios para determinação referencial é

feito no discurso.

Segundo Fiorin (2000), o léxico de uma língua é constituído da totalidade das palavras que ela possui, consideradas do ponto de vista das invariantes semânticas, independentemente da função gramatical que exercem na oração. Além disso, permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, porque mostra a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém. É reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual.

Dessa forma, o léxico possui um fundo comum, que caracteriza uma língua e é tão resistente quanto a gramática, porque as noções que ele expressa, de um lado, não são afetadas por mudanças econômicas e sociais e, por outro, porque são de uso geral e coloquial. Esse fundo comum é o sustentáculo da estrutura léxica de uma língua. O restante dos itens lexicais pode modificar-se mais ou menos rapidamente, porque refletem a vida socioeconômica de um povo nas situações de comunicação.

Nessa perspectiva, ambos, emissor e receptor, são ativos a ponto de “ter de se admitir que a ‘chave’ (o código) que permite realizar as operações de codificação e decodificação, isto é, pôr em correspondência significantes e significados é em parte construída no curso do desdobramento da interação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1995). Não se nega, evidentemente, que as relações comunicativas venham presididas por regras relativamente estáveis, mas estas são constantemente reelaboradas, pois a produção de textos é um processo criativo, na medida em que são criadas novas entidades que anteriormente não existiam.

Sobre esse aspecto, Coulon (1995) afirma que, apesar da significação trans-situacional a que já se fez referência, as palavras se mantêm, do ponto de vista semântico, abertas e com limites indefinidos. A cada novo contexto, a cada nova situação de uso de uma palavra, os falantes se deparam com o desafio de redefinir-lhe o sentido. Se esse caráter é um problema para uma linguagem ideal ou formal da lógica, da filosofia, da ciência, para a linguagem cotidiana, ele representa a grande vantagem, pois precisamente nessa fértil indecisão é que se

tornam visíveis a riqueza e as possibilidades quase ilimitadas de uma linguagem usada para o diálogo.

Na construção do texto falado, os falantes estão constante e conscientemente empenhados em reduzir essa vaguidade, buscando formulações o mais possível precisas para as necessidades da mútua compreensão e para os objetivos da comunicação. É justamente esse empenho que instala na enunciação procedimentos que explicitam o trabalho da seleção lexical, como adiante há de se mostrar nas análises.

Assim, com o objetivo de produzir os sentidos desejados, vai o enunciador explicitando – em função do conhecimento que ele tem do interlocutor e das reações e intervenções linguísticas e paralinguísticas deste – o processo de escolha lexical, na tentativa de construir com ele uma proposta de compreensão.

Em síntese, diante do exposto, a seleção lexical não é uma tarefa unilateral do falante na procura da melhor formulação para transmitir a sua informação ao ouvinte. Ela consiste, isso sim, no trabalho do falante, determinado pelo ouvinte, em construir o sentido dos enunciados. E os sentidos são construídos em função de um fazer interpretativo do ouvinte. Também, do lado desse, não se verifica uma atuação isolada por meio da qual lhe caberia inferir de maneira isolada um conteúdo remetido pelo falante. A interpretação é construída pelo ouvinte na esteira das instruções – da proposta de compreensão – fornecidas pelo falante. O que implica dizer que, assim como o fazer atribuidor de sentidos é determinado pelo ouvinte, o fazer interpretativo é orientado pelo falante. E o processo da seleção lexical, particularmente na construção do texto falado, explica-se e estende-se nesse fazer convergente de produzir sentidos e de construir a compreensão.

Com uma visão de língua como atividade sociointerativa, tal como sugerido inicialmente, e uma hipótese sociocognitiva, tenta-se superar a noção meramente representacionista e referencialista da língua, para privilegiar as relações intersubjetivas instauradas pelos interlocutores mediante os recursos linguísticos. Conforme Mondada e Dubois (2003), os discursos são versões públicas do mundo em que a adequação se dá em termos de negociação pública, de ajustes, de acordos, de desacordos etc. entre os interlocutores, e não numa

presumida relação objetiva e direta com um mundo exterior, pois os discursos se dão como atividades de enunciação em condições discursivas históricas e sociais, tornando a interação uma matriz de sentidos. Assim, é necessário observar o que os interlocutores fazem e como agem para construir um mundo público mediante a coprodução discursiva.

Mondada (1997) observa que a referência é parcialmente fixada pelo próprio contexto, ou seja, a contribuição do contexto é essencial para que se chegue a utilizar os itens lexicais de acordo com o que os demais fazem no grupo social. Para a autora, conhecer a significação de uma palavra, isto é, usá-la referencialmente de modo adequado, é ter um conhecimento tácito de sua significação no sentido de saber usar a palavra num discurso, e não saber traduzi-la ou saber o que ela designa ou denota. Em outros termos, pode-se dizer que conhecer a significação de uma palavra não é rigorosamente conhecer um fato.

Dessa forma, o conhecimento da língua é um conhecimento que deve ser público, no sentido de que deve circular socialmente, mas os fatos em si são outra questão. Acerca desse aspecto, a referida autora afirma que a significação é interacional, pois o entorno em si mesmo exerce um papel na determinação do que designam as palavras de um locutor ou de uma comunidade.

A sugestão da autora permite dizer que a cultura, os artefatos, os instrumentos produzidos por uma comunidade formam um todo que se expressa no discurso e tem no sistema simbólico uma contraparte importante. Sendo assim, o conhecimento lexical se dá não na forma de uma lista de itens, e sim na forma de uma rede de relações. E, no interior dessa rede, não há isolamento, e sim distribuição do conhecimento, pois o léxico é um todo em que os elementos se integram com a cultura e as ações ali praticadas. Essa distribuição do conhecimento é essencial e fundamental, pois sem isso não haveria entendimento intersubjetivo. Portanto, pode-se defender que o léxico em funcionamento na língua é uma questão de conhecimento distribuído.

Como produtores ou intérpretes de discursos, os falantes são sempre confrontados com o que Williams (1976, p. 19) chama de "grupos" de palavras e significados, ao contrário de palavras e

significados isolados. Afinal, a relação das palavras com os significados é de muitos para um, e não de um para muitos, em ambas as direções: as palavras têm tipicamente vários significados, e estes são “lexicalizados” tipicamente de várias maneiras. Isso significa que, como produtores de discurso, os falantes estão diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio das palavras, e como intérpretes sempre se confrontam com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas). Segundo Fairclough (2001), muitas dessas escolhas e decisões são de natureza puramente individual, pois os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas e facetas de processos sociais e culturais mais amplos.

Falar de uma multiplicidade de meios de expressar um significado, no entanto, conduz ao entendimento equivocado de que os significados são atribuídos antes de serem postos em palavras de várias maneiras, e de que eles são estáveis em várias palavras. Seria mais produtivo dizer que há sempre formas alternativas de significar – de atribuir sentido a – domínios particulares de experiência, o que implica “interpretar” de uma forma particular, de uma perspectiva teórica, cultural ou ideológica particular. Perspectivas diferentes sobre os domínios da experiência implicam formas diferentes de expressar essas experiências; é nesses termos que se deve considerar lexicalizações alternativas, tais como as palavras como *influxo* ou *enchente* usadas para expressar imigração de forma oposta a “busca” de uma vida nova. No sentido real, então, quando se troca a palavra, também se troca o significado.

Como já foi mencionado, a língua não tem uma semântica interna definida e estável, pois as palavras têm uma significação dita “literal”, mas que serve apenas como uma base mínima para outros usos e, no geral, aquela significação é apenas uma parte do que se entende com os itens lexicais. O importante é perceber que é precisamente essa instabilidade sistemática que possibilita dizer tudo, pois apesar de ser a língua um sistema relativamente delimitado sob o ponto de vista formal, é possível utilizá-lo de forma generosa. Há um número limitado de regras e formas linguísticas, no entanto sua produtividade é infinita. Isto é o efeito da plasticidade e da indeterminação.

Dessa forma, é possível observar que a Geolinguística Pluridimensional vê na utilização do léxico um instrumento que lhe permite estabelecer estratificações diatópicas de acordo com os fatores sociais enfocados. Em especial, como enfatiza esta pesquisa, a variação diageracional, revelando a seleção lexical dos informantes de acordo com a faixa etária a que pertencem.

O que revelam os dados do Projeto ALiB

Antes de apresentarmos os dados, faz-se necessário abordar os procedimentos metodológicos que direcionaram a pesquisa.

O cenário da pesquisa é um recorte da rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), um empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento, que tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à língua portuguesa, desejo que permeia a atividade dialetal no Brasil, desde começo do século XX e ganha corpo nesse final/comoço de milênio, a partir de iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

A manifestação em favor da elaboração de um atlas linguístico brasileiro remonta a 1952, quando se estabeleceu através do Decreto 30.643, de 20 de março, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a “elaboração do atlas linguístico do Brasil”. As dificuldades de variada ordem levaram os dialetólogos brasileiros a iniciarem o trabalho de mapeamento linguístico do Brasil pela realização de atlas regionais.

A ideia do Atlas Linguístico do Brasil foi retomada por ocasião do Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996, com a participação de dialetólogos brasileiros e do Diretor do ALiR (*Atlas Linguistique Roman*), Prof. Michel Contini (Genoble). Naquela ocasião, foi criado um Comitê Nacional integrado pelos autores dos cinco atlas linguísticos regionais publicados e por um representante dos atlas em andamento. São eles: os Professores Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), que preside o Comitê, Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB) e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), representando os atlas em

andamento.

Em 2002, após a publicação do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS, integra-se ao Comitê a Professora Aparecida Negri Isquerdo, como nova representante dos atlas em andamento.

O Projeto ALiB fundamenta-se nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar. Assim, o Projeto objetiva mapear o Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, *in loco*, a 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos — pelos dois gêneros e, nas capitais de Estado, em número de 25 (as capitais Palmas, Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, excluem-se por questões metodológicas, em virtude de serem cidades recém-criadas), por dois níveis de escolaridade — fundamental e universitário —, ficando os demais pontos da rede com apenas informantes do nível fundamental.

Ao se atingir, até o momento, a recolha de dados em 83,6% da rede programada, algumas considerações iniciais já podem ser feitas sobre áreas dialetais brasileiras. Nesse sentido, apresentam-se nesta pesquisa, de forma ilustrativa, resultados que mostram a diversidade de usos vinculada a áreas específicas, mas também relacionada a fatores sociais.

Nesse sentido, neste estudo, serão considerados fatos relacionados à diversidade diatópica e a diferenciação diageracional, não se incluindo, para esse momento, a diferenciação diagenérica ou diastrática, embora, no levantamento e análise dos dados, essas variáveis sociais tenham sido controladas sistematicamente.

Os resultados que se apresentam fundamentam-se em levantamentos no *corpus* do Projeto ALiB, especificamente nas capitais de Estados.

Para as ilustrações da variação lexical nas capitais do Brasil, a carta linguística a seguir mostra os resultados obtidos.

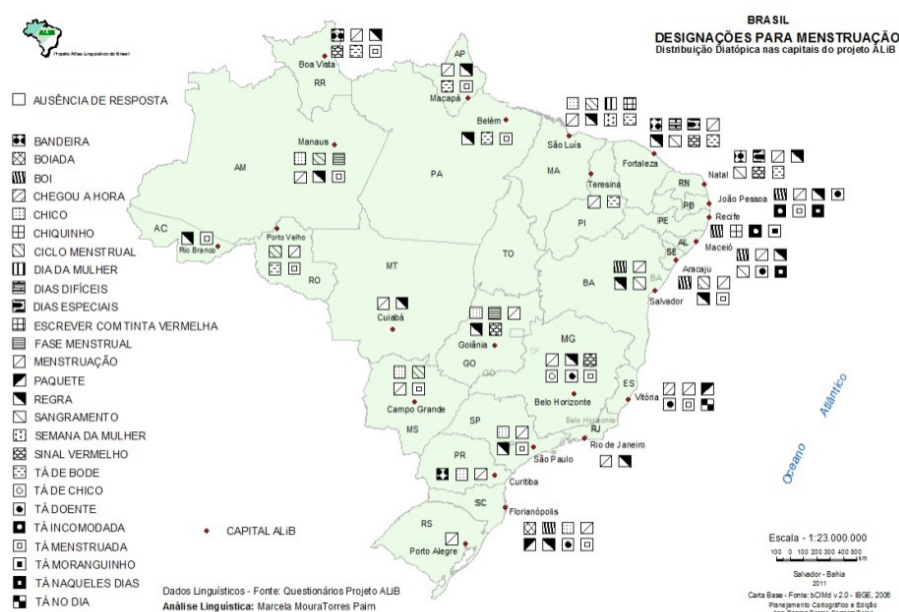


FIGURA 1: Questão 121 do questionário semântico-lexical (QSL): As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

Designações para *menstruação*

A figura 1 mostra um total de 26 designações referentes à questão 121 do questionário semântico-lexical (QSL), a saber: *Bandeira*, *Boi*, *Boiada*, *Chegou a hora*, *Chico*, *Chiquinho*, *Ciclo menstrual*, *Dia da mulher*, *Dias difíceis*, *Dias especiais*, *Escrever com tinta vermelha*, *Fase menstrual*, *Menstruação*, *Paquete*, *Regra*, *Sangramento*, *Semana da mulher*, *Sinal vermelho*, *Tá de bode*, *Tá de Chico*, *Tá doente*, *Tá incomodada*, *Tá menstruada*, *Tá moranguinho*, *Tá naqueles dias* e *Tá no dia*. Algumas representadas por lexias simples, como *Bandeira* ou *Boi*, outras lexias compostas, como *Sinal vermelho*, e lexias complexas, como *Tá de bode* ou *Tá naqueles dias*. Dessas variantes lexicais, apenas *menstruação* é comum à maioria das capitais pesquisadas, só não aparece em Belém, onde ocorrem as formas *Regra*, *Tá de bode* e *Tá menstruada*. As demais designações encontram-se distribuídas entre as capitais.

Em relação a essa pergunta do QSL, também encontramos a variação lexical diageracional, já que as variantes lexicais *Tá de Chico* e *Regra* são sinalizadas no discurso dos informantes como uma variante

típica de informantes mais velhos; já a variante *Menstruada* e *Tá menstruada* são apontadas nos exemplos de algumas capitais como variante lexical dos mais jovens, como demonstram os exemplos:

Exemplo 1:

(121)

INF.- É *menstruação*, né?

INQ.- Tem um mais comum? Pode falar.

INF.- Não, ma, o nome de antigamente é muito feio.

INQ.- Fala!

INF.- *Regras*. (Inq. 138-03- Belo Horizonte)

Exemplo 2:

(121)

INQ.- As mulheres perdem sangue todos os meses, né. Como é que se chama isso?

INF.- Aqui pra nós é tudo *menstruação* né?

INQ.- Isso. Tem algum nome mais folclórico, mais popular... Que a gente falava quando era mais mocinha... Hoje eu tô do quê? O que que veio pra mim...?

INF.- (risos) Aí não..., antigamente a gente, quando tava *menstruada* lá muito, nos anos de guaraná de rolha, né (risos)

INQ.- Guaraná de rolha é bom!

INF.- A gente falava assim: «Ixe, eu *tô de chico* » (risos) que eu achava o máximo, né!

INQ.- É isso mesmo. No meu tempo também.

INF.- Aí que horror né. Agora cê fala *menstruação* é mais assim

delicado né! (risos). (Inq. 179-04-São Paulo)

Através desses exemplos, pode ser percebido que as informantes da faixa etária mais avançada (as duas pertencem à faixa etária 2) lembram e dão expressão às suas lembranças. Os depoimentos apontam para o entendimento, por parte dos mais velhos, de que a vida mudou e com ela também os itens lexicais para se referir ao fato de as mulheres perderem sangue todos os meses.

A pergunta 122 do QSL se apresenta diatopicamente da seguinte forma:



FIGURA 2: Questão 122 do questionário semântico-lexical (QSL): Numa certa idade acaba a/o _____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____

Designações para *menopausa*

A figura 2 mostra um total de 13 designações referentes à questão 122 do questionário semântico-lexical (QSL), a saber: *Acaba a menstruação*, *Amarrou o facão*, *A mulher está/ficou falhada*, *A mulher amarrou o pacote*, *Climatério*, *Entra/ (es)tá na/ fase da menopausa*, *Entrou na suspensão*, *Já sou homem, não pega mais filho*, *Na fase de aí meu Deus do céu*, *Na fase dela*, *Tá idosa*, *Tá meio mestrosa* e *Tá menopausada*. Como pode ser visto, algumas representadas por lexis

simples, como *Climatério*, compostas, como *Na fase dela*, e complexas, como *Na fase de aí meu Deus do céu*. Dessas variantes lexicais, apenas *Entra/ (es)tá na/ fase da menopausa* é comum a todas as capitais pesquisadas. As demais designações encontram-se distribuídas de forma irregular entre as capitais.

Para esta pergunta, as variantes *ficou/está falhada* e *amarrou o facão* chamam atenção pelo fato de estarem presentes no discurso de informantes de faixa etária mais avançada, como demonstram os exemplos:

Exemplo 3:

(122)

INQ.- Depois de uma certa idade acaba o boi né. Quando isso acontece, diz que a mulher?

INF.- É, a mulher *ficou na menopausa* né? Menopausa.

INQ.- Não tem outro nome?

INF.- Não. Iss'aí, iss'aí eu entendo de menopausa agora há poucos tempos aí que eu já, já, já conhecia já coisa, mas, antigamente dizia que ela, a mulher *ficou falhada*, o pessoal falava (risos), falhou a mulher (risos). Mulher *ficou falhada*.

CIR.2.- É verdade.

INF.- É, na menopausa é que não dá mais cria né, não dá pô (risos), é, falar o português claro, falando que num deu mais cria, então ele falava lá o pessoal: "Pô, a minha mulher *está falhada*, não dá mais nada." (risos) (Inq. 203-03- Florianópolis)

Exemplo 4:

(122)

INF. – (inint) chama *amarrou o facão*... ((risos))

INQ. – (inint) E esse amarrou o facão... sabe por que é que chama amarrou o facão?

INF. – O facão? Porque, eh, suspendeu, num tem mais menstruação...

INQ. – Ah...

INF. – (inint) já *amarrou o facão* num engravida mais... (risos)
(INQ. 093-04- Salvador)

Nos exemplos, os informantes fazem escolhas lexicais que se relacionam com sua época. Assim, nesses casos apresentados, a seleção lexical denomina tanto o ato quanto o efeito de selecionar. Dessa forma, o elemento lexical selecionado só é pertinente dentro da dinâmica da definição lexical nas condições de produção do texto falado, e não como um dado desvinculado do percurso enunciativo. Sob esse ponto de vista, a abordagem da seleção lexical situa-se, portanto, no âmbito dos estudos que se voltam aos mecanismos da produção, aos processos pelos quais, nas circunstâncias temporais e espaciais determinadas, a língua é posta em funcionamento.

É precisamente essa preocupação simultânea com o “dizer” e com o “que dizer” que vai deixar evidente, no texto falado, uma série de marcas responsáveis pela caracterização específica de sua formulação, entre as quais as que sinalizam o trabalho de seleção lexical através de itens lexicais denunciadores da faixa etária do informante.

Considerações finais

A análise do *corpus* possibilitou realizar o levantamento e a documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística moderna Pluridimensional em que o registro segue os parâmetros diatópicos e diastráticos. Nesse sentido, no que diz respeito às denominações que recebem *menstruação* e *entrar na menopausa*, podem-se fazer algumas considerações preliminares:

- a) as designações enfocadas apresentam uma grande variação, possibilitando a visualização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil;

b) as variantes lexicais analisadas possuem várias estruturas, que podem ser lexias simples, como *boiada* e *paquete*; compostas, como *ciclo menstrual*, e complexas, como *na fase de aí meu Deus do céu*;

c) a temática da comparação passado X presente está presente na linguagem dos informantes de faixa etária mais avançada, evidenciado-se, na seleção lexical desses informantes, como demonstram as estruturas: *Tá de chico*, *Regra*, *ficou/está falhada* e *amarrou o facão*.

Assim, o trabalho procurou mostrar como as lexias trazem, na fala dos informantes, as marcas em que se encontram inseridas. Dessa forma, com esta pesquisa, pretendeu-se oferecer subsídios para o registro da diversidade da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Estudos dialetais e sociolingüísticos do português do Brasil**. Littera, São Luís, v. 1, n.3, 2001, pp.7-25.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A ciência da lexicografia**. ALFA, São Paulo, nº 28 (supl.), pp. 1-26, 1984.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolingüística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO **ALiB**: Atlas Lingüístico do Brasil. Questionários. Londrina: UEL, 2001.
- COULON, Alain. **Etnometologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FERGUSON, Charles. **Language structure and language use**. Stanford: Stanford University Press, 1971.
- FIORIN, José Luiz. **Política Lingüística no Brasil**. Gragoatá (UFF, Rio de Janeiro), nº 9, pp. 221-231, 2000.
- HUDSON, Richard. **La sociolingüística**. Barcelona: Anagrama, 1981.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Les interactions verbales (I)**. Paris: Armand Colin, 1995.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de textualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. O léxico: lista, rede ou cognição social?. In: Lígia Negri; Maria José Foltran; Roberta Pires de Oliveira. (Orgs.). **Sentido e Significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. 01 ed. São Paulo, 2004, v. 01, pp. 263-284.
- MONDADA, Lorenza. Processus de catégorisation et construction discursive des catégories. In: DUBOIS, Danièle (Org.). **Catégorisation et Cognition: de la**

perceptio au discourse. Paris: Kimé, 1997. pp. 291-313.

MONDADA, Lorenza & DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete Biasi e CIULIA, Alena (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 17-52.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

VELASCO, Ideval. O léxico da pesca em Soure – Ilha do Marajó. In: RAZKY, Abdelhak. (Org.). **Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará**. Belém: Editora Grafia, 2003. pp. 155-172.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords: a vocabulary of culture and society**. Londres: Fontana/Croom Helm, 1976.